

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022

VOL V

Ciências Humanas:

Estudos Para Uma Visão
Holística Da Sociedade



Silvia Inés Del Valle Navarro
Gustavo Adolfo Juarez
(Organizadores)

 EDITORA
ARTEMIS
2022



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe	Prof. ^a Dr. ^a Antonella Carvalho de Oliveira
Editora Executiva	M. ^a Viviane Carvalho Mocellin
Direção de Arte	M. ^a Bruna Bejarano
Diagramação	Elisangela Abreu
Organizadores	Prof. ^a Dr. ^a Sílvia Inés del Valle Navarro Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez
Imagem da Capa	Artem Oleshko
Bibliotecário	Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof.^a Dr.^a Ada Esther Portero Ricol, *Universidad Tecnológica de La Habana “José Antonio Echeverría”, Cuba*
Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, *Universidade Federal de Uberlândia*
Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, *Universidade Federal da Paraíba*
Prof.^a Dr.^a Ana Clara Monteverde, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof.^a Dr.^a Ana Júlia Viamonte, *Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal*
Prof. Dr. Ángel Mujica Sánchez, *Universidad Nacional del Altiplano, Peru*
Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, *Universidade do Estado de Mato Grosso*
Prof.^a Dr.^a Begoña Blandón González, *Universidad de Sevilla, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, *Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro*
Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, *Universidade Nova de Lisboa, Portugal*
Prof.^a Dr.^a Cirila Cervera Delgado, *Universidad de Guanajuato, México*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Padovesi Fonseca, *Universidade de Brasília-DF*
Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, *Universidade Aberta de Portugal*
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, *Universidade Federal da Grande Dourados*
Prof. Dr. David García-Martul, *Universidad Rey Juan Carlos de Madrid, Espanha*
Prof.^a Dr.^a Deuzimar Costa Serra, *Universidade Estadual do Maranhão*
Prof.^a Dr.^a Dina Maria Martins Ferreira, *Universidade Estadual do Ceará*
Prof.^a Dr.^a Eduarda Maria Rocha Teles de Castro Coelho, *Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal*
Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, *Universidade de São Paulo*
Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, *Universidade Federal de Roraima, Brasil*



Prof.^ª Dr.^ª Emilas Darlene Carmen Lebus, *Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Erla Mariela Morales Morgado, *Universidad de Salamanca, Espanha*
Prof. Dr. Ernesto Cristina, *Universidad de la República, Uruguay*
Prof. Dr. Ernesto Ramírez-Briones, *Universidad de Guadalajara, México*
Prof. Dr. Gabriel Díaz Cobos, *Universitat de Barcelona, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Gabriela Gonçalves, Instituto Superior de Engenharia do Porto (ISEP), Portugal
Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Gladys Esther Leoz, *Universidad Nacional de San Luis, Argentina*
Prof.^ª Dr.^ª Glória Beatriz Álvarez, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Gonçalo Poeta Fernandes, Instituto Politécnico da Guarda, Portugal
Prof. Dr. Gustavo Adolfo Juarez, *Universidad Nacional de Catamarca, Argentina*
Prof. Dr. Håkan Karlsson, *University of Gothenburg, Suécia*
Prof.^ª Dr.^ª Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Isabel del Rosario Chiyon Carrasco, *Universidad de Piura, Peru*
Prof.^ª Dr.^ª Isabel Yohena, *Universidad de Buenos Aires, Argentina*
Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Iván Ramon Sánchez Soto, *Universidad del Bío-Bío, Chile*
Prof.^ª Dr.^ª Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas, Brasil
Prof. Me. Javier Antonio Alborno, *University of Miami and Miami Dade College, Estados Unidos*
Prof. Dr. Jesús Montero Martínez, *Universidad de Castilla - La Mancha, Espanha*
Prof. Dr. João Manuel Pereira Ramalho Serrano, Universidade de Évora, Portugal
Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros, Brasil
Prof. Dr. Jorge Ernesto Bartolucci, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. José Cortez Godinez, Universidad Autónoma de Baja California, México
Prof. Dr. Juan Carlos Cancino Diaz, Instituto Politécnico Nacional, México
Prof. Dr. Juan Carlos Mosquera Feijoo, *Universidad Politécnica de Madrid, Espanha*
Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, *Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia*
Prof. Dr. Juan Manuel Sánchez-Yáñez, *Universidad Michoacana de San Nicolás de Hidalgo, México*
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Brasil
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Livia do Carmo, Universidade Federal de Goiás, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo, Brasil
Prof. Dr. Luis Fernando González Beltrán, *Universidad Nacional Autónoma de México, México*
Prof. Dr. Luis Vicente Amador Muñoz, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Macarena Esteban Ibáñez, *Universidad Pablo de Olavide, Espanha*
Prof. Dr. Manuel Ramiro Rodríguez, *Universidad Santiago de Compostela, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Márcia de Souza Luz Freitas, Universidade Federal de Itajubá, Brasil
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Brasil
Prof. Dr. Marcos Vinicius Meiado, Universidade Federal de Sergipe, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Mar Garrido Román, *Universidad de Granada, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Carmen Pastor, *Universitat Jaume I, Espanha*
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.^ª Dr.^ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão, Brasil
Prof.^ª Dr.^ª Maria Lúcia Pato, Instituto Politécnico de Viseu, Portugal



Prof.^a Dr.^a Maritza González Moreno, *Universidad Tecnológica de La Habana*, Cuba
Prof.^a Dr.^a Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense, Brasil
Prof. Dr. Osbaldo Turpo-Gebera, *Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa*, Peru
Prof.^a Dr.^a Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras, Brasil
Prof.^a Dr.^a Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará, Brasil
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí, Brasil
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
Prof.^a Dr.^a Silvia Inés del Valle Navarro, *Universidad Nacional de Catamarca*, Argentina
Prof.^a Dr.^a Solange Kazumi Sakata, Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares. Universidade de São Paulo (USP), Brasil
Prof.^a Dr.^a Teresa Cardoso, Universidade Aberta de Portugal
Prof.^a Dr.^a Teresa Monteiro Seixas, Universidade do Porto, Portugal
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande, Brasil
Prof.^a Dr.^a Vera Lúcia Vasilévski dos Santos Araújo, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, *Corporación Universitaria Autónoma del Cauca*, Colômbia

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C569 Ciências humanas [livro eletrônico] : estudos para uma visão holística da sociedade: vol V / Silvia Inés Del Valle Navarro, Gustavo Adolfo Juarez. – Curitiba, PR: Artemis, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Edição bilíngue

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-87396-70-5

DOI: 10.37572/EdArt_151222705

1. Ciências humanas. 2. Sociologia. 3. Desenvolvimento humano.
4. Professores – Formação. I. Del Valle Navarro, Silvia Inés. II. Juarez, Gustavo Adolfo.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



PRÓLOGO

*“No nos interesa solamente cómo hacer que alguien aprenda.
Nos interesa también entender cómo tendría
que construirse el conocimiento si el fin es su aprendizaje.”*

Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundó un campo de investigación sobre los procesos de construcción social del conocimiento matemático avanzado, acuñado como Teoría Socioepistemológica de la Matemática Educativa
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de diciembre de 2021.

Una vez más tenemos la oportunidad de acompañar a los autores, participantes de esta publicación del Editorial Artemis. Esta vez, en su quinto volumen de la obra titulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade.**

En ella se muestra la gran preocupación por la búsqueda de nuevas formas de alcanzar el conocimiento de diversas ciencias y áreas disciplinares, mediante la democratización de saberes, que se pueden obtener en diversos escenarios, respetando aspectos sociales, culturales e históricos. Estos se implementan ante problemáticas de género, ambiente, religión e histórico, proponiendo entre los recursos, la organización de exposiciones en el aula, desde lo tradicional a las de tipo colaborativa, re-pensando la educación infantil a través de prácticas, que desarrollen la imaginación, creatividad, competencias, experiencias emocionales y alentadoras. Tanto los niveles, desde la educación infantil, hasta el ingreso universitario, son de interés en los re-planteos de la nueva educación, como así también, el rigor, tanto en ciencias duras como matemática, pasando a la ingeniería, y contaduría, como la participación de la mujer en diversos tipos de educación, y de la comunidad en general, apuntando a un conocimiento contra-hegemónico, poscolonial, indígena, arqueológico y antropológico social, que llevan a un todo, a lo que podemos llamar la **sociedad del conocimiento**.

Es por ello, que debemos valorar las expectativas de los autores e investigadores que todavía sienten la necesidad y el deseo de entregar sus esfuerzos en la causa de la difusión de resultados de sus trabajos científicos.

Esperando que estos trabajos sean de gran aporte a los lectores, les deseamos una buena lectura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

PRÓLOGO

“Não estamos interessados apenas em como fazer alguém aprender.
Também estamos interessados em entender como
para construir conhecimento se o fim é o seu aprendizado.”
Ricardo Arnoldo Cantoral Uriza

Fundou um campo de pesquisa sobre os processos de construção social do conhecimento matemático avançado,
cunhado como Teoria Socioepistemológica da Matemática Educacional.
Distrito Federal, México, 25 de agosto de 1958 - Distrito Federal, México, 30 de dezembro de 2021.

Mais uma vez temos a oportunidade de acompanhar os autores, participantes desta publicação da Editora Artemis. Desta vez, no quinto volume da obra intitulada **Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade**.

Mostra a grande preocupação com a busca de novas formas de alcançar o conhecimento das diversas ciências e áreas disciplinares, por meio da democratização do conhecimento, que pode ser obtido em diversos cenários, respeitando aspectos sociais, culturais e históricos. Estes são implementados diante de problemas de gênero, meio ambiente, religião e história, propondo entre os recursos, a organização de exposições em sala de aula, do tipo tradicional ao colaborativo, repensando a educação infantil por meio de práticas que desenvolvem a imaginação, criatividade, competências, experiências emocionais e encorajadoras. Ambos os níveis, desde a educação infantil, até o ingresso na universidade, interessam no repensar da nova educação, assim como o rigor, tanto em ciências exatas e matemática, passando para engenharia, e contabilidade, quanto a participação de mulheres em vários tipos de educação, e da comunidade em geral, apontando para um conhecimento contra-hegemônico, pós-colonial, indígena, arqueológico e socioantropológico, que conduzem a um todo, ao que podemos chamar de sociedade do conhecimento.

Por isso, devemos valorizar as expectativas de autores e pesquisadores que ainda sentem a necessidade e o desejo de se empenhar na causa da divulgação dos resultados de seus trabalhos científicos.

Esperando que estas obras sejam de grande contribuição para os leitores, desejamos uma boa leitura.

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO
GUSTAVO ADOLFO JUAREZ

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EXPERIENCIAS LABORALES EN EDUCACIÓN INDÍGENA: EL GRUPO FOCAL COMO ESTRATEGIA PARA LA CONSTRUCCIÓN DEL ESPACIO BIOGRÁFICO

Aidé Teresita Ávila Ayala

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227051

CAPÍTULO 2..... 13

A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS CIENTÍFICOS POR INDÍGENAS NA ACADEMIA: TRAVESSIAS DE UM ENCONTRO COM A PÓS-COLONIALIDADE

Priscila da Silva Nascimento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227052

CAPÍTULO 3..... 18

'UNA CRISIS MUNDIAL DESDE ABAJO'

Tomás Diez Acosta

Håkan Karlsson

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227053

CAPÍTULO 4..... 30

ANÁLISIS SOCIOEPISTEMOLÓGICO DE UN MODELO MATEMÁTICO

Gustavo Adolfo Juarez

Silvia Inés del Valle Navarro

Cecilia Rita Crespo Crespo

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227054

CAPÍTULO 5..... 37

IMPLEMENTACIÓN DE UN DISPOSITIVO DIDÁCTICO REI PARA UN AULA DE MATEMÁTICA INCLUSIVA

Carmen Cecilia Espinoza Melo

Maite Otondo Briceño

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227055

CAPÍTULO 6..... 48

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DA EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA: UMA REDUNDÂNCIA NECESSÁRIA?


Sandoval Antunes de Souza
Teresa Margarida Loureiro Cardoso

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227056

CAPÍTULO 7 60

MAGIS 21st: SER MÁS, PARA SERVIR MEJOR

Claudia Marcela Sierra Montes
Carlos Andrés Peñas Velandia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227057

CAPÍTULO 8.....71

ENSINO E FORMAÇÃO PEDAGÓGICA E A CONSTITUIÇÃO DA AUTONOMIA DA CRIANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Edson de Sousa Brito
Nayara Alves Silva Mendes Vilela de Sousa Brito
Lucinéia Silva Sousa Sacramento

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227058

CAPÍTULO 9..... 81

MNEMOSPHERE RESEARCH PROJECT: AN INTERDISCIPLINARY EXPLORATION INTO PLACES, MEMORY, EMOTIONS AND SPATIAL ATMOSPHERE

Clorinda Sissi Galasso
Marta Elisa Cecchi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_1512227059

CAPÍTULO 10..... 94

PROYECTO DE FORMACION: MÓDULO DE CONVIVENCIA POR COMPETENCIAS, EN EL MARCO DEL MODELO PARA EDUCACIÓN POSTCONFLICTO DEL PAÍS

Jesús María Martínez Zúñiga

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270510

CAPÍTULO 11.....107

PLANEACIÓN PROSPECTIVA, UNA NECESIDAD DEL SUJETO PEDAGÓGICO EN LA SOCIEDAD DEL CONOCIMIENTO

Rocío Rodríguez Rico
Yasunari Cristobal Muñoz
Germán Ortiz Martínez
Karen Rocío Herrera Rodríguez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270511

CAPÍTULO 12 115

“EL OÍDO SE RECREARÁ CON LAS SUAVÍSIMAS MÚSICAS DE AQUELLAS CAPILLAS ANGÉLICAS”: NÚÑEZ DE MIRANDA, SOR JUANA Y EL PENSAMIENTO MUSICAL

Luis Díaz-Santana Garza
Sonia Medrano Ruiz

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270512

CAPÍTULO 13.....128

LITERACIA VISUAL EM PORTUGAL: PERCURSO PARA UMA CONSCIÊNCIA ESTÉTICA ECO-NECESSÁRIA E A CRIAÇÃO VISUAL DE TODOS-EM-CIDADANIA

Elisabete da Silva Oliveira

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270513

CAPÍTULO 14.....142

SIMULAÇÃO CLÍNICA EM ENFERMAGEM: INOVAR PARA MELHORES CUIDADOS À COMUNIDADE

Gregório Magno de Vasconcelos de Freitas
Norberto Maciel Ribeiro
Liliana Maria Gonçalves Rodrigues de Góis
Fernando Luís de Sousa Correia

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270514

CAPÍTULO 15.....154

A MENSAGEM QUE VEM DA FLORESTA: UM BREVE LEVANTAMENTO DOS SABERES DA AYAHUASCA

Miguel Firmeza Bezerra
Juliana Abonizio

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270515

CAPÍTULO 16..... 161

LA REFORMA EDUCATIVA EN LA UNIVERSIDAD VERACRUZANA A TRAVÉS DEL MODELO EDUCATIVO INTEGRAL Y FLEXIBLE

María Eugenia Senties Santos

Haydee Zizumbo Ramírez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270516

CAPÍTULO 17 172

DETECCIÓN DE DEFICIENCIAS ACADÉMICAS DE LOS ASPIRANTES EN 2018 A LAS CARRERAS DE INGENIERÍA DEL TECNOLÓGICO NACIONAL DE MÉXICO CAMPUS CANCÚN

Francisco José Arroyo Rodríguez

Jorge Alberto Cano Tur

Marco Arroyo Terrazas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270517

CAPÍTULO 18..... 184

SCIENCE AND SCIENTISTS: MAIN SOURCES OF INFLUENCE IN THE CONSTRUCTION OF THESE CONCEPTS AMONG UNIVERSITY STUDENTS

Silvia Domínguez Gutiérrez

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270518

CAPÍTULO 19..... 197

ENTRE O COTIDIANO DA “CASA” E DA PROFISSÃO DOCENTE: VIVÊNCIAS DE MULHERES PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR

Neiva Furlin

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270519

CAPÍTULO 20..... 216

CONJUGALIDADE E PERTURBAÇÕES PSICOSSOCIAIS EM PERSONAGENS FEMININAS DE FRANÇOIS MAURIAC E ANNIE ERNAUX

Rosário Neto Mariano

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270520

CAPÍTULO 21228

GÊNERO, RAÇA E CLASSE SOCIAL: OS DESAFIOS DO FEMINISMO NO BRASIL E O PROCESSO DE RESISTÊNCIA NO ENFRENTAMENTO DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Marina Milhassi Vedovato

Maria Sylvia de Souza Vitale

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270521

CAPÍTULO 22236

ANTÔNIO CONSELHEIRO E JOÃO ABADE: A TEORIA DO ESTADO E CANUDOS

Rodrigo Guimarães Motta

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270522

CAPÍTULO 23249

IMAGENS DA *VIA CRUCIS*: CENÁRIOS DE RITUALIZAÇÃO, SACRALIZAÇÃO E DEVOÇÃO, NO NORTE E CENTRO DE PORTUGAL

Manuel Joaquim Moreira da Rocha

Sofia Nunes Vechina

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270523

CAPÍTULO 24 275

LOS MEDIOS DE COMUNICACIÓN Y SU RELACIÓN CON SU COMUNIDAD DE INTERES

Fernando Martínez Vallvey

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270524

CAPÍTULO 25285

PROMOCIÓN Y PUBLICIDAD EN LA OFERTA DE RECREACIÓN Y ENTRETENIMIENTO DE LOS CASINOS ESTABLECIDOS EN MEXICALI, BAJA CALIFORNIA, MÉXICO

Margarita Barajas Tinoco

Aketzalli Aguilar Aguilera

Lucía Estrada Ornelas

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270525

CAPÍTULO 26 301

SOCIEDADE E MEIO AMBIENTE: PERSPECTIVAS ÉTICAS ACERCA DA JUSTIÇA SOCIOAMBIENTAL

Rachel Souza Martins

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270526

CAPÍTULO 27 313

ELEMENTOS PARA UM ESTUDO MULTIESPÉCIES EM INTERFACE COM A EDUCAÇÃO NO ANTROPOCENO: PRÁTICA E EXPERIÊNCIA NO MELIPONÁRIO CANTINHO DO CÉU, GUARAMIRANGA - CE

George Arruda de Albuquerque

Alcides Fernando Gussi

 https://doi.org/10.37572/EdArt_15122270527

SOBRE OS ORGANIZADORES 333

ÍNDICE REMISSIVO 335

CAPÍTULO 19

ENTRE O COTIDIANO DA “CASA” E DA PROFISSÃO DOCENTE: VIVÊNCIAS DE MULHERES PROFESSORAS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR¹

Data de submissão: 05/11/2022

Data de aceite: 24/11/2022

Neiva Furlin²

<https://orcid.org/0000-0002-5103-2104>

RESUMO: Este artigo analisa narrativas de mulheres que atuam na docência superior em cursos de teologia católica e no intuito de evidenciar como elas circulam entre a profissão e os trabalhos domésticos naturalizados como femininos. Objetiva-se discutir sobre os desafios que se impõem às mulheres acerca das dinâmicas de gênero presentes na divisão e execução do trabalho doméstico e como isso impacta em suas carreiras profissionais. Tomamos as concepções teóricas sobre a divisão sexual do trabalho e abordagens dos estudos feministas e de gênero como ferramentas analíticas para compreender os processos de demarcação de posições e papéis sexuais na estrutura social.

PALAVRAS-CHAVE: Divisão sexual do trabalho. Docência superior. Desigualdades de gênero.

¹ O texto, em sua versão mais ampliada, foi publicado como artigo na Revista *Caderno Espaço Feminino*, em 2019.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), com doutorado sanduíche na Universidade Nacional Autónoma de México (UNAM); graduada em Ciências Sociais pela UFPR. Atualmente é professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

1 INTRODUÇÃO

A entrada das mulheres na formação profissional de nível superior é uma conquista contemporânea que se intensificou a partir das últimas décadas do século XX, sobretudo pela influência das mudanças socioculturais, em grande parte provocadas pelas ações dos movimentos feministas. No Brasil, de acordo com Marareth Rago (1998), o ingresso maciço de mulheres nas universidades ocorreu a partir dos anos de 1970, quando elas passaram a reivindicar o seu espaço na história, assumindo, também, o magistério superior. “A atuação feminina foi ganhando visibilidade, tanto pela simples presença das mulheres nos corredores e nas salas de aula, como pela produção acadêmica que vinha à tona. O mundo acadêmico foi ganhando novos contornos e novas cores.” (RAGO, 1998, p. 91).

A crescente escolarização das mulheres possibilitou que elas ingressassem em profissões antes dominadas pelo universo masculino ou que exigiam maior qualificação, como o campo da docência no ensino superior. Nesse sentido, os dados do INEP, referentes ao Censo de 2011, evidenciam que a tendência de crescimento da presença

feminina no ensino superior é contínua. Se em 2010 as mulheres representavam 44,9% da docência superior (pública e privada), em 2011 elas já representavam 45%. Enquanto à participação masculina, durante esse mesmo período teve uma leve redução, ou seja, passou de 55,1% em 2010 para 55%, em 2011³. Mesmo que a presença masculina continue sendo majoritária, há um processo crescente da participação feminina na docência na Educação Superior.

O Censo Nacional de Docentes do INEP/MEC-2005, que apresenta dados da participação por áreas acadêmicas, mostrou que as mulheres continuam mais representadas nas áreas das Ciências Humanas e da Saúde, enquanto os homens estão mais nas áreas de Ciências Sociais Aplicadas e de Engenharia, o que evidencia uma clara divisão sexual nas carreiras profissionais que historicamente foram construídas como masculinas ou femininas. Isso também é visível dentro da área das humanidades, já que a filosofia e a teologia continuam sendo redutos da docência masculina (FURLIN, 2011).

É importante enfatizar que a entrada das mulheres no mercado de trabalho alterou de maneira significativa as configurações familiares, embora os estudos mostrem uma persistência de certo tradicionalismo nas relações de gênero, no que se refere à divisão do trabalho doméstico. Desse modo, hoje se torna indispensável a necessidade de uma discussão mais profunda em relação às implicações da entrada das mulheres nas atividades profissionais e à organização e distribuição do trabalho no âmbito doméstico, que, sendo essencial para a manutenção da vida das pessoas, deveria ser responsabilidade de todos. Contudo, a construção feita ao longo da história, em que se naturalizou o trabalho doméstico como obrigação única das mulheres, parece continuar persistindo.

Nesse sentido, Bruschini (1998) tem mencionado que as novas responsabilidades das mulheres não as eximiram das familiares e maternas. Ao contrário, qualquer que seja sua situação de trabalho, as mulheres ainda seguem sendo as responsáveis por múltiplas tarefas associadas à casa, aos filhos e à família, realizando o que é denominado “ofício doméstico”. Em geral, cabe as mulheres o papel de “conciliação” entre a carreira profissional e a família. Para Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), a ideia de conciliação apresenta um conteúdo fortemente sexuado, pois “conciliar” o trabalho e a família é uma responsabilidade creditada frequentemente às mulheres e não aos homens, já que para esses a carreira é pensada sempre de maneira mais independente. Diante de tal constatação, faz-se necessário compreender os aspectos que afetam o cotidiano das docentes que atuam no ensino superior, isso porque ao mesmo tempo em que elas almejam crescer em suas carreiras, em geral, precisam conciliar tais atividades com o cotidiano da vida familiar.

³ Censo da Educação Superior de 2011. Dados disponíveis em: <http://portal.inep.gov.br/superiorcensosuperior-sinopse>. Acesso em: 16 out. 2013.

Portanto, este estudo tem como objetivo evidenciar como as mulheres que exercem a docência no ensino superior em teologia católica, em um lugar historicamente masculino, articulam a profissão com os demais trabalhos do cotidiano da vida, que culturalmente são atribuídos e naturalizados como femininos.

Vale lembrar que as instituições católicas de ensino superior são mantidas por dioceses e ordens ou congregações religiosas, de modo que os quadros da docência nessas instituições são compostos, em sua maioria, por homens celibatários. Isso, também, porque os cursos de teologia de nível superior, ao longo de muitos séculos, têm se destinado a homens que almejavam exercer funções na hierarquia eclesial. As mulheres tiveram acesso a esses cursos, em maior número, a partir das mudanças que ocorreram na sociedade e no universo eclesial, nas décadas de 1970 e 1980.

Apesar da inserção de mulheres nesse universo de saber, a sua presença continua bem reduzida em relação as demais áreas das humanidades. Os dados de uma pesquisa de campo, realizada em 2008, com a participação de 56 instituições católicas que possuíam a graduação em teologia, localizadas em diferentes regiões do Brasil, evidenciaram que de um total de 792 docentes, 671 eram homens (84,7%) e 121 eram mulheres (15,3%). Ou seja, a diferença entre a docência masculina e feminina era de 71,2 pontos percentuais (FURLIN, 2011; 2014). Considerando essa supremacia masculina, tanto na representatividade como nas práticas simbólicas de gênero, presente nas instituições teológicas, as poucas mulheres que ingressaram na docência, mesmo que tenham alcançado altos níveis de formação profissional, precisam empreender maiores energias, tanto em termos de produção acadêmica como em eficiência profissional, para permanecerem nesse espaço (FURLIN, 2014). Desse modo, torna-se relevante analisar as experiências contidas nas narrativas das docentes para compreender como elas circulam entre as atividades da docência (ensino e produção acadêmica) e as exigências do espaço familiar.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Este estudo é realizado segundo a abordagem da pesquisa qualitativa, com foco na interpretação hermenêutica⁴ dos relatos apreendidos por meio da entrevista de 12 docentes, inseridas em três instituições católicas de ensino superior⁵. Os critérios para a seleção das interlocutoras foram: ter formação na área da teologia; ministrar aulas no

⁴ Adotamos a perspectiva da interpretação hermenêutica segundo os pressupostos teóricos de Gadamer (1999) e de Minayo (2003).

⁵ O conjunto das narrativas foi base para um estudo de tese de doutorado e os nomes das docentes são fictícios, observando os princípios éticos de uma pesquisa.

curso de graduação em Teologia⁶; ter produção acadêmica na perspectiva feminista ou de gênero ou ter tido algum contato com as teorias de gênero e do feminismo durante o processo de formação acadêmica; ser professoras de instituições com o curso de Teologia autorizado ou reconhecido pelo MEC, localizadas geograficamente nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. Isso porque nessas duas regiões se encontrava a presença mais significativa de docentes que produziram e publicaram artigos e livros com abordagens de gênero e do feminismo⁷. Também porque os dados quantitativos evidenciaram que essas regiões eram as que concentravam, em termos numéricos, o maior número das instituições que ofereciam o curso de Teologia e onde estavam situadas as instituições com maior reconhecimento, em termos acadêmicos⁸.

As narrativas das mulheres docentes colocam em cena discursos, saberes e práticas que são parte da história e da experiência vivida nos seus próprios corpos, que contemplam toda a trajetória do seu *devir* sujeitos femininos, no campo do saber teológico. Contudo, para este artigo priorizo as narrativas que trazem conteúdos sobre as experiências das docentes, quando está em questão o ter que conciliar o cotidiano de suas vidas com a profissão acadêmica.

Vale mencionar que as interlocutoras dessa pesquisa, praticamente todas são de classe média e além de professoras, assumiam diversas atividades, inerentes às diferentes posições de sujeitos que ocupavam, seja como mães, esposas, agentes de pastorais ou religiosas. Ou seja, elas configuram o que chamamos de sujeitos múltiplos pela diversidade de experiências que realizam nas distintas posições de sujeito. Além disso, nota-se diferenças específicas que ocorrem na relação intragênero, já que das 12 entrevistadas, 8 eram casadas e 4 eram religiosas. Neste artigo, tomamos algumas narrativas, ou seja, as que são mais representativas no grupo das mulheres casadas⁹ e que possibilitam mostrar as especificidades das experiências sobre a forma como conciliam a profissão acadêmica com funções específicas do ambiente familiar.

Os conteúdos das narrativas das docentes são analisados à luz dos pressupostos teóricos do feminismo e dos estudos de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, e do conceito de divisão sexual do trabalho de Hirata e Kergoat (2007). Trata-se, na visão

⁶ Isso porque nas Pontifícias Universidades Católicas existem docentes da área de teologia que ministram disciplinas de *cultura religiosa*, em diferentes cursos acadêmicos.

⁷ Isso não significa que em outras regiões não existiam teólogas que produziam nessa perspectiva. No entanto, as publicações de teólogas, que se autodenominavam feministas, visibilizavam a sua concentração nas regiões Sudeste e Sul.

⁸ Esses dados podem ser encontrados em Furlin (2011; 2014).

⁹ Neste artigo, priorizei apresentar somente a experiência das mulheres casadas, considerando que a experiência das que pertencem à uma instituição religiosa apresenta dinâmicas específicas e tornaria o artigo mais longo do que as normas da revista prevê. Inicialmente, a proposta era abordar a experiência dos dois grupos em perspectiva comparativa, porém isso não caberia para um artigo de até 10.000 palavras.

dessas autoras, de um conceito com duas acepções. Isto é, de um lado, tem-se uma acepção sociográfica, em que se estuda a distribuição diferencial de homens e mulheres no mercado de trabalho, nos ofícios e nas profissões, e as variações no tempo e no espaço dessa distribuição; e de outro, se analisa como ela se associa à divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

De acordo com Hirata e Kergoat (2007), o conceito de divisão sexual do trabalho está apoiado em dois princípios: a) *princípio da separação*, ou seja, existe trabalho de homens (produtivo, público e com valor monetário) e trabalho de mulheres (reprodutivo, privado e sem valor monetário) b)) *princípio hierárquico ou de distribuição*, em que o trabalho do homem vale mais que o trabalho da mulher. Para as autoras, esses dois princípios estão presentes em todas as sociedades e são legitimados pela ideologia naturalista.

As autoras observam que a divisão sexual do trabalho não é uma estrutura fixa e imutável, mas permeada de plasticidade, já que a sua modalidade sofre variações concretas no tempo e no espaço, como já demonstraram vários estudos de antropólogos e historiadores. Assim, tomar a noção de divisão sexual do trabalho é dar ênfase ao caráter multidimensional do trabalho, compreendendo por trabalho, não apenas o profissional, mas também o doméstico, o não remunerado, o informal. (HIRATA, 2002).

No que se refere às relações entre a esfera doméstica e a profissional, Hirata e Kergoat (2007) apresentam quatro modelos diferentes, nos quais se evidencia a reprodução dos papéis sexuais: *modelo tradicional*, em que se distingue o papel do trabalho doméstico para as mulheres e o papel de provedor para os homens; *modelo de conciliação*, no qual cabe exclusivamente às mulheres conciliar o trabalho doméstico com o trabalho profissional; *modelo de parceria*, onde mulher e o homem aparecem como parceiros, dividindo as tarefas domésticas. Nesse modelo, há mais uma relação de igualdade do que de poder. Contudo, as pesquisas não confirmam a atualidade desse modelo, porque nem sempre há uma igual divisão das tarefas domésticas. Por último, o *modelo de delegação*, no qual o doméstico é delegado a terceiros, realizado por alguém contratado para tal. O modelo da delegação gera uma cadeia polarizada sobre e entre as mulheres, pois as trabalhadoras domésticas terão que conciliar as suas tarefas domésticas, quando não conseguem pagar, ou delegar para outra mulher.

Já as abordagens de gênero permitiram problematizar, desnaturalizar e desconstruir a concepção biologizante, abordando como a diferença sexual e os papéis sociais de gênero têm sido uma construção histórica, como bem demonstraram estudos de muitas feministas, como Joan Scott (1990), Tereza de Lauretis (1994), Rosi Braidotti (2004).

Tais estudos têm evidenciado que a divisão sexual do trabalho resulta de um processo de construção binária e hierárquica de gênero, que tomou por base as diferenças

anatômicas e se legitimou em uma teia de relações de poder, que reproduziram práticas sociais desiguais entre mulheres e homens, no que tange às responsabilidades com os trabalhos reprodutivos.

Levando em conta esses pressupostos teóricos, no ponto que segue, passamos a interpretar as narrativas das docentes sobre as suas experiências entre o cotidiano da “casa” e da profissão. Devido às diferenças entre elas, optamos por apresentar diversos fragmentos de suas narrativas, sem a preocupação de categorizar por temas, de modo que se possa evidenciar as peculiaridades de suas experiências.

3 ENTRE A “CASA” E A DOCÊNCIA SUPERIOR: DESIGUALDADES, REPRODUÇÃO E NEGOCIAÇÕES

Nas narrativas das docentes sobre as suas vivências nas diferentes posições de sujeitos, como mães, esposas, agentes de pastoral e professoras, elas detalham sentimentos e sentidos construídos, redescobrem as emoções e revelam como afetam e como são afetadas pelos contextos em que estão situadas (YOUNG, 1990). Evidentemente que, devido à diversidade dessas mulheres, a forma como interpretam ou relatam as suas experiências entre o cotidiano da vida familiar ou institucional com a profissão são distintas, hora se aproximam e hora se distanciam. Contudo, as suas experiências aparecem entrelaçadas por dinâmicas de gênero que as colocam numa posição desfavorável, em termos de sobrecarga de trabalho e de níveis de produção acadêmica, uma vez que a tarefa de “conciliar” trabalho profissional e família aparece como responsabilidade das mulheres e não dos homens. Para esses, a carreira em geral é vista de maneira mais independente. Isto é, há evidência que o princípio da separação sexual do trabalho doméstico, seja em grau maior ou menor, ainda opera na organização familiar.

Nesse sentido, praticamente todas as docentes narram que precisam se “desdobrar” para dar conta das atividades que envolvem o cotidiano da vida familiar, os compromissos pastorais ou da congregação religiosa com as exigências da profissão. Ao fazerem a memória das estratégias que usam para lidar com todas as dimensões da vida, essas professoras, ao mesmo tempo, refletem, recordam e analisam as suas próprias experiências, colocando em cena as dinâmicas que constroem as desigualdades culturais de gênero que, neste caso, favorecem aos homens e sobrecarregam as mulheres com dupla ou tripla jornada de trabalho.

A gente tem que ser igual “Bombril”, mil e uma utilidades, porque se não for assim, a gente não consegue. Você tem que desenvolver mil coisas ao mesmo tempo. Por exemplo, quando eu estava escrevendo minha tese, também coordenava o curso de Teologia, porque o padre tinha ido para Roma fazer a tese dele.

Então eu estava sozinha, coordenando o curso de Teologia e fazendo minha tese. Nesse tempo, a minha filha se casou. Eu tive que arrumar casamento, festa, marido, casa, cozinha, cachorro, papagaio (risos). Então eu não sei como explicar. Eu acho que a gente acaba desenvolvendo uma capacidade de fazer mil coisas ao mesmo tempo. Quando se está digitando aqui, se vai respondendo a outra pessoa que está lá perguntando. Você tá pensando o que você vai fazer para o almoço amanhã, faz uma coisa aqui, faz outra lá. Quer dizer, isso é extremamente desgastante, eu acho. A mulher para poder fazer isso, ela tem que dar conta de tanta coisa e ainda ser tão competente e, isso é assim desgastante demais. Quando o homem faz isso, faz uma coisa de cada vez. Diz: agora trabalhei muito e quero descansar e a mulher depois que ela trabalha o dia inteiro, chega em casa e tem que continuar trabalhando. Eu acho que o único jeito de a gente poder fazer o que gosta é ir se acostumando e desenvolvendo as habilidades para tudo. (*Priscila*, 60 anos. grifo meu)

A narrativa de *Priscila* descreve a sua experiência de um passado recente em relação às dinâmicas da divisão sexual do trabalho. É possível constatar que o modelo da conciliação entre vida familiar e as exigências da profissão, como bem definiu Hirata e Kergoat (2007), é algo que se coloca para as mulheres. No seu relato, nota-se que a capacidade das mulheres de “fazerem muitas coisas ao mesmo tempo”, é algo que se impõe culturalmente por dinâmicas sociais de gênero, que elas acabam reproduzindo em suas práticas. Mais do que virtude, aparece como uma situação extremamente cansativa e desgastante, sobretudo porque para elas ainda se exige alto grau de profissionalismo, já que, nesse caso, estão em um espaço que, ao longo dos séculos, tem se construído como masculino e celibatário. Isso porque o saber teológico de nível superior tem sido praticamente destinado aos homens vocacionados para o serviço eclesialístico.

O conteúdo da narrativa de *Priscila* também deixa evidente que no campo do saber teológico existem relações desiguais de gênero, que parecem ser naturalizadas, uma vez que ao seu colega foi lhe permitido se liberar para escrever a tese e, ela, estando na mesma situação, como vice-coordenadora do curso de teologia, precisou o substituir e continuar com todas as suas atividades, nas diferentes posições de sujeitos que ocupava. Nota-se, claramente, que enquanto os professores homens se focam na questão profissional, as mulheres precisam ser “biônicas”, submetendo-se a uma dupla ou tripla jornada de trabalho ou às dinâmicas socioculturais de gênero que as fazem acreditar que elas precisam conciliar tudo, para continuar exercendo a profissão que gostam.

Isabel, uma professora mais nova na carreira da docência e mãe de um filho pequeno, falou conciliar vida familiar, trabalho doméstico e profissão, porque sempre contou com o auxílio do esposo, que também era professor. Teve, ainda, a seu favor uma rede de mulheres que colaboravam, ou seja, quando o filho nasceu contou com ajuda da mãe e da irmã e depois passou a delegar os trabalhos domésticos para uma terceira mulher. O fato de ser, ao mesmo tempo, profissional, mãe, esposa e estudante

de doutorado, sua rotina de vida estava sendo cansativa, pois em cada posição de sujeito lhe eram atribuídas obrigações específicas. Em um mesmo dia de trabalho necessitava transitar entre trabalho e o cuidado do filho, que ainda era bebê, e à noite se dedicava aos estudos para cumprir com as exigências de um doutorado em curso. Considerando que, apesar de tantas atividades, era ela quem tinha que dispor de mais tempo para o cuidado do filho, e não o seu marido, mostra que nas relações sociais impera a convenção cultural de gênero que credita às mulheres a responsabilidade maior no cuidado dos filhos.

Contudo, *Isabel* parece essencializar a “capacidade de fazer muitas coisas ao mesmo tempo”, como um atributo universal do universo feminino. Ela justifica isso da seguinte maneira:

Eu li um texto de uma teóloga argentina em que ela fala que a teologia das mulheres é essa teologia que você está lendo ou escrevendo, arrumando a mochila do filho para ir à escola, passando roupa... Então, ela vai fazendo a narrativa e contando o que se passa ao redor. A mulher é aquela que é capaz de fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e isso é uma especificidade dela, né, diferente dele que não consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo. Por isso que eu acho que a gente consegue conciliar tudo. É lógico se tivesse o tempo só pra isso, seria o ideal, mas como a gente não tem, a gente vai fazendo tudo ao mesmo tempo. (*Isabel*, 49 anos)

Ao essencializar a capacidade das mulheres fazerem muitas coisas ao mesmo tempo, Isabel não problematiza a construção social da desigualdade de gênero, assumindo isso como seu papel de mulher. No final, sua narrativa apresenta aspectos que revelam que a inserção no mundo acadêmico ocorre em relações desiguais, já que as mulheres são impossibilitadas de dispor de todo tempo para dedicar-se à academia, na mesma proporção que os homens.

Constata-se que, para as mulheres, culturalmente se sobrepõem outras “obrigações”. Elas não só devem ser boas profissionais como também precisam cumprir bem as tarefas de mãe e esposa. São essas condições sociais que as levam a “ser capazes de fazer muitas coisas ao mesmo tempo”. Trata-se de uma experiência que é compartilhada pelas docentes, já que praticamente todas mencionaram essa questão. Em algumas delas, há a consciência de que isso resulta das convenções socioculturais que se impõem sobre a vida das mulheres. Porém, há também um discurso reiterativo que materializa essas desigualdades nas relações de gênero, sobretudo, quando se naturaliza o fato que o homem só consegue fazer uma coisa de cada vez, enquanto é da “essência” das mulheres fazerem muitas coisas ao mesmo tempo. Essa prática reiterativa acaba produzindo o efeito de ocultamento das lógicas de gênero, que foram construídas ao longo da história, por uma ordem social masculina. Assim, a “essência” é constituída por meio de um jogo ritualizado de práticas que produziram a aparência de essência interior,

ou seja, de essa “especificidade das mulheres”, que nada mais é que uma construção sociocultural, efeito de um discurso reiterativo fundado em práticas desiguais de gênero.

Uma das professoras, que alcançou bons níveis de produção acadêmica e que é reconhecida na área da teologia, relata ser uma pessoa privilegiada por ter chegado a ser a profissional que é. Alega que isso só foi possível porque pode contar com uma rede de relações a seu favor, que envolveu desde o apoio do esposo, como também a colaboração de sua mãe, sobretudo quando os filhos eram crianças. Por outro lado, reconhece que em geral as mulheres exercem uma dupla ou tripla jornada de trabalho, independente da identidade dessas mulheres – casadas, pastoras ou religiosas. Outras ainda, “por não dar conta”¹⁰, acabam desistindo ainda durante o processo de formação.

Para mim a teologia é uma vocação e não simplesmente uma profissão. Então, a gente ou se dedica e se entrega, ou nunca será realmente uma boa teóloga. Então eu acho que para fazer uma opção dessas, você tem que calcular os seus recursos. O fato de eu ter um marido que sempre me apoiou e me ajudou bastante; o fato de ter outra mulher, que é a minha mãe que morava com a gente, ela me ajudava ficando com as crianças e eu saía e ficava despreocupada. Isso me ajudou, assim, acho que foi toda uma comunidade que entrou aí para que eu pudesse seguir esse caminho. Agora eu vejo as colegas e algumas alunas, coitadas! Tem que largar no meio os estudos ou a profissão, porque não estão dando conta. Tem algumas pastoras que sofrem, pois ainda tem a comunidade para atender, como pastoras também tem a família para atender. É tudo em cima dela. [...] A mulher religiosa também tem seus limites. Eu vejo as religiosas levando uma vida dura, tem a profissão, tem as exigências da congregação, tem a vida espiritual, a oração e tal. Ainda, quando chegam em casa tem o povo batendo na porta, sobretudo as que moram em periferia, que estão em comunidades inseridas. Às vezes tem que levar gente para hospital, durante a noite. É muita coisa em cima da gente, enquanto os homens só se dedicam a profissão. Eu vejo, por exemplo, os jesuítas lá de Belo Horizonte, a cada 5 anos eles tem o *ano sabático*¹¹. Por isso eles avançam muito mais nas pesquisas. (Débora, 60 anos).

Débora analisa não só o seu cotidiano, fala também das condições que se impõem para a maioria das mulheres que atuam no seu campo profissional. Demonstra ter consciência das desigualdades culturalmente e socialmente construídas em relação aos papéis sexuais. Assim, em uma cultura em que a divisão sexual do trabalho vinculou as mulheres ao espaço privado, quando elas conquistam o espaço público acabam acumulando as funções do espaço doméstico, porque no imaginário social essas atividades são específicas das mulheres. Esse acúmulo de funções faz com que elas precisem se “desdobrar” para dar conta de tudo e quando não podem contar com a ajuda de “colaboradoras”, elas se obrigam a ter que fazer uma escolha que, em geral, é

¹⁰ Esse “não dar conta”, inclui até o fato de não terem ao seu favor uma rede de relações familiares que colaboram ou por não disporem de recursos financeiros que lhes permite contratar uma pessoa para os trabalhos domésticos.

¹¹ O ano sabático se refere ao tempo de 12 meses que estes intelectuais têm garantido no estatuto de sua instituição para o descanso, para fins de fazer cursos ou pesquisas.

abandonar o estudo ou a profissão. É possível constatar, nas entrelinhas da narrativa de Débora, que as condições desiguais que operam no espaço do trabalho reprodutivo se tornam desfavoráveis para as mulheres que atuam no mesmo campo profissional de seus pares homens. Ou seja, elas jamais podem chegar ao mesmo patamar deles, em termos de produção científica, uma vez que as condições de gênero são desiguais para o mundo das mulheres, sejam elas casadas ou membro de uma congregação religiosa.

Já, a docente *Rute* (67 anos), apesar de afirmar que hoje tem o apoio do esposo, que sente orgulho do seu trabalho, relatou não ter sido tudo tão fácil nas relações, sobretudo quando, além de ser boa profissional, teve que ser eficiente nas “coisas da casa”. Ela sintetiza momentos distintos de sua vida e das estratégias que foi construindo no decorrer de trajetória profissional. Para conciliar trabalho e funções domésticas precisou mudar seu estilo, “deixar alguns furos”, relativizar certas cobranças dos membros da família e negociar atividades domésticas¹².

Só Deus sabe o que eu faço para conciliar a vida profissional e a condição de mãe e esposa (risos) e, isso aí, eu não sei te explicar. Porque, realmente o tempo é um só. Mas é complicado. Eu deixo furos, fazer o que! Antigamente eu era muito perfeccionista, hoje eu não sou mais, pois eu faço o que posso. É bem difícil. Aí, quando o pessoal reclama, eu puxo por um lado, puxo para outro, fico meio elástica. Não tem fórmula, cada um tem que ir descobrindo e construindo. Esse negócio do pós-doutorado foi uma experiência incrível. Meu marido tinha acabado de se aposentar, meus filhos estão todos casados, minha mãe morreu. Então eu pensei 'é agora ou nunca'. Eu senti apoio do marido. Ele tem orgulho, ele acha que é uma coisa maravilhosa. Não foi sempre assim (risos). No momento, eu estou tendo apoio. Antes era muito difícil viajar. Quando eu recebia um convite, ele achava ótimo, mas quando eu tinha que viajar mesmo, ele achava ruim. Às vezes ele diz assim: 'nossa você não liga mais para a casa'. Antes eu ficava culpada, hoje eu já penso, 'será que isso é tão importante assim!' Então deixo de lado. Se ele tem mais tempo do que eu, porque eu tenho que fazer mercado? Então, tem essas coisas assim, que você tem que negociar. A gente vai negociando, dando um jeitinho aqui e dali. É difícil, para a mulher tudo é mais difícil, mas vale a pena, a gente consegue, (risos). (*Rute*, 67 anos).

Em geral, as mulheres casadas, mais velhas, narraram que tiveram o apoio do marido, o que favoreceu conciliar seu cotidiano com a profissão que exercem. No entanto, esse apoio aparece como algo que foi lentamente negociado e construído por elas, na relação com seus companheiros e em situações familiares distintas. No relato de *Rute*, nota-se que o poder de negociação ocorreu pela sua resistência às normas de gênero que eram reiteradas pelo esposo, pelas estratégias que foi criando para levar a cabo a sua escolha profissional, sem se eximir totalmente das funções do espaço doméstico.

Esses pequenos rompimentos das convenções culturais de gênero, postas para o universo feminino, permitiu a *Rute* ascender ao espaço público, na carreira da docência.

¹² Das mulheres docentes casadas, atualmente quase todas contam com a colaboração de uma funcionária, enquanto, no início de carreira nem sempre isso foi possível. Mesmo tendo funcionária, nem todas as atividades que se referem ao espaço doméstico são realizadas por essas “colaboradoras”.

Indubitavelmente que isso só foi possível porque Rute viveu em um contexto permeado por profundas mudanças socioculturais, de modo que ela e as demais docentes de sua idade fazem parte do conjunto de mulheres que tiveram maior oportunidade de estudar, acessar a carreira de docente no ensino superior e ir alcançando níveis de formação até o pós-doutorado, inclusive, fora do Brasil. Contudo, essas estratégias foram sendo construídas, sem um rompimento total com as tarefas domésticas, mesmo quando elas delegaram tais funções, isso porque a “gestão do trabalho delegado acaba sendo da competência das mulheres” (HIRATA, KERGOAT, 2007, p. 607).

Assim como *Rute*, **o relato da experiência de Madalena (55 anos)**¹³ aponta que para exercer a sua profissão no espaço público, nesse caso na teologia, que era um campo de homens celibatários, foi possível com a compreensão e apoio do companheiro. Subjacente a essa compreensão, que lhes garante apoio, parece ser fundamental que elas se mostrem capazes de conciliar as exigências profissionais com as funções do espaço doméstico.

Hoje, o meu marido já se acostumou, mas no começo ele reclamava porque ele não entendia muito bem o porquê de eu estar na teologia. Dizia “não vai ser padre, não vai ser madre, fazer teologia para que”. Ele não entendia o campo profissional. Só conhecia o espaço da pastoral na Igreja e na paróquia, mas quando ele entendeu o campo profissional, hoje ele já entende que eu preciso me aperfeiçoar, que preciso ir para congresso, que preciso estar fora. Então hoje não tenho mais esse problema, mas já tive. Acho que muitas mulheres hoje desistem por isso. Tem que dar conta de muita coisa em casa e trabalho e não são compreendidas. (*Madalena*, 55 anos).

É interessante constatar que ao ser perguntadas como elas conciliavam o trabalho profissional com a vida familiar, o apoio do marido aparece como um elemento importante nas experiências dessas mulheres casadas. De certo modo, esse consentimento que elas necessitam de seus pares evidencia a permanência das dinâmicas hierárquicas de gênero, na definição dos papéis sexuais, em que o exercício da profissão no espaço público é tido como “algo natural” para o universo masculino. Tais convecções de gênero foram internalizadas por essas mulheres, uma vez que em suas vidas permanece sempre a tensão entre dedicar-se à profissão e “dar conta” das responsabilidades no âmbito familiar, funções essas que aparecem como se fosse algo “colado” à natureza biológica feminina. Assim, exercer a profissão tendo o apoio do marido soa sempre como um privilégio e não um direito seu, como cidadã.

Outra professora, também casada, narrou sentir-se “privilegiada”, porque apesar do marido ser ateu sempre deu apoio à sua escolha, reconhecendo o quanto a teologia e a sua “vida maluca” de pastoral davam sentido à sua vida e lhe fazia feliz. Relata que,

¹³ Madalena, no momento da pesquisa, também delegava as tarefas domésticas.

no início da sua carreira, teve certa facilidade de conciliar as “tarefas de casa” com a profissão, porque trabalhava 20 horas semanais e tinha situações difíceis, sobretudo quando os filhos eram pequenos. Ela narra a sua trajetória, apontando a importância da colaboração do esposo no cuidado dos filhos, sobretudo em momentos especiais, que a permitiu conciliar sua vida familiar com docência, estudos e atividades pastorais. Contudo, essa conciliação ocorre em uma relação de tensão, que traz em cena os papéis de gênero que foram internalizados por Miriam.

Quando meus filhos eram pequenos, eu conciliava as tarefas de casa e de família trabalhando sempre meio período. Só agora que eles saíram, já são adultos, é que passei a trabalhar o período integral. Fins de semana, feriados eu fazia pastoral. Vejo que às vezes eu sacrifico a família, porque o trabalho de Igreja também exige tempo. Quando eu estava no final da dissertação de mestrado, meu marido saiu com os filhos para uma fazenda pra fazer um acampamento, lá no Sul, porque eu precisava pegar uma semana, dez dias seguidos para me concentrar. Depois eu me arrependi um pouco, porque a minha filha menor tinha dois anos, né, ainda usava fraldas de noite. Foi duro pra ela, mas isso eu me dei conta depois. Não tinha outro jeito, eu tinha que me concentrar pra fazer a dissertação de mestrado. Foi um tanto difícil pra ele, porque a mais velha tinha 12 anos, estava começando a entrar nessa vida de namoro e, ele tinha que lidar com a mais velha adolescente e com a mais nova de dois anos. Mas foi, principalmente, para ela que pesou que depois percebi na adolescência, o quanto... Alguém sofreu com aquilo. Enfim, são feridas que ficaram e que até hoje a gente vem curando devagarzinho. Agora ela está com 29 anos. Esses são os sacrifícios da vida. É, algumas vezes eu não percebia o quanto isso é importante na vida. Isso também aconteceu quando eu estava estudando na Bélgica, porque lá eu não tinha outros membros da família. Minha filha mais velha nasceu lá e eu tive que colocar uns dias ela na creche, pra terminar a monografia. (*Miriam*, 66 anos).

No relato de *Miriam*, a conciliação entre a família e profissão é tensa. Nota-se o quanto o dever da maternidade, no que se refere ao cuidado das filhas, aparece internalizado como uma função específica da mulher, mesmo que ela tenha outras atividades profissionais. Isso fica claro na sua expressão “sacrificar a família”, e de seu aparente sentimento de “culpa” por não corresponder com um “determinado papel de mãe” presente no imaginário cultural, sobretudo, por não ter ficado próxima das filhas em momentos em que essas “precisavam” de sua presença mais efetiva. No seu caso, ainda que o modelo da parceria ocorra, ao menos em momentos pontuais, em que o marido se dispõe a cuidar das filhas para que ela possa escrever sua dissertação, a internalização das convecções sociais de gênero, em relação aos papéis sexuais, faz com que Rute não compreenda que isso é uma responsabilidade que cabe também ao seu esposo, como pai. Ao contrário, se culpabiliza duas vezes, por sobrecarregar seu marido e por não exercer uma função que seria sua, como mãe.

Na ocasião da pesquisa, *Miriam* atuava em tempo integral no ensino superior e continuava muito envolvida em atividades pastorais ligadas ao CEBl¹⁴ e, ainda, realizava voluntariamente assessoria às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Narrou que, diante de um momento difícil de uma das suas filhas, ela optou por deixar em segundo plano um compromisso profissional, como uma maneira de compensar as suas ausências na família em tempos passados, mesmo que tal atividade fosse relevante dentro da rede das relações de trabalho.

Foi quando eu estava viajando para um Encontro Nacional das CEBs, eu já estava no aeroporto, quando meu marido me ligou dizendo que minha filha havia terminado o namoro. Não pensei duas vezes. Retornei para dar apoio a ela, isso porque agora eu precisava estar do lado dela, já que quando ela era criança eu a tive que deixar, muitas vezes, em segundo plano. Difícil, mas eu disse 'tenho que estar lá'. Também teve o outro lado, que eu fiquei dando prioridade para o profissional e, então, eu tive aquela certeza, 'agora eu que vou ter que sacrificar o profissional', que era encontro de CEBs, onde faço assessoria voluntária. O pessoal do CEBl ficou decepcionado porque eu ia representar também o CEBl e não fui. (*Miriam*, 66 anos).

O conteúdo da narrativa de *Miriam* revela como a cultura, no processo de socialização das mulheres, tem desenvolvido crenças e valores em relação aos papéis de gênero. Essa construção social pautada no princípio de separação dos papéis sexuais no meio familiar faz como que as mulheres sintam, mais do que os homens, o "dever da maternidade" e de marcarem presença efetiva na vida familiar em situações "especiais". Quando impossibilitadas, por conta de suas escolhas profissionais, acabam culpabilizando-se pelas "ausências" em certos momentos da vida da família. Tal questão se coloca, ainda, como um desafio quando as mulheres precisam conciliar a atenção aos membros da família com o campo profissional e os trabalhos pastorais voluntários, cujas atividades, além de lhes darem satisfação pessoal, são importantes no processo da produção de sentido da experiência vivida e na construção de sua própria subjetividade, como afirma essa mesma docente, "eu não seria feliz se não tivesse isso".

Isso mostra que, mesmo assumindo outras responsabilidades profissionais e pastorais, as mulheres não se eximem das atividades familiares e maternas, como tem enfatizado Bruschini (1998). Contudo, tal realidade pode ocorrer não só por uma pressão cultural externa, mas porque as próprias mulheres exteriorizam uma cultura já internalizada, como é perceptível na narrativa de *Miriam*. Pergunta-se por que elas não conseguem se libertar quando a maioria das entrevistadas se assumem feministas em suas abordagens acadêmicas? Como bem assinalou Hirata e Kergoat (2007), isso merece um estudo mais aprofundando com a ajuda de abordagens teóricas dos ramos da psicologia.

¹⁴ Centro de Estudos Bíblicos. Trata-se de uma entidade ecumênica sem fins lucrativos que reúne cristãos, mulheres e homens especialistas em Bíblia, de diferentes confissões religiosas com o objetivo de promover uma leitura libertadora da Bíblia para comunidades cristãs populares.

A narrativa de *Raquel* (49 anos) apresenta aspectos distintos em relação às demais. Ela relata que o fato de ter assumido uma perspectiva feminista no modo de educar os filhos e estabelecer as relações no meio familiar foi fundamental para que fosse possível se dedicar à vida profissional em tempo integral. Construiu uma relação em que os filhos e o marido participassem da dinâmica da organização da casa. Fez essa descoberta quando era estudante de Psicologia, por meio da leitura de um livro que abordava o tema da “autoridade, cooperação e autonomia”. Assim, no processo de educação dos filhos assumiu como lema da casa “a cooperação”. Nesse sentido, a sua narrativa além de ser diferente, apresenta indicações significativas, como se pode ler a seguir.

[...] eu sempre disse assim, 'eu não sou dona de casa'. Nunca permiti que me chamassem de dona da casa, porque quando você é a dona da casa, você tem que dar conta da casa, como dona dela. Então, eu sempre disse 'a casa é nossa! Ela não tem uma dona (risos). Todos nós moramos aqui; então se a casa é nossa, todos nós sujamos essa casa e porque só uma pessoa vai limpar? Assim, desde muito pequenos os meus filhos foram aprendendo [...]. Nesse sentido, todos nós trabalhávamos na casa. Isso, tanto no manter a casa organizada no dia da faxina como na hora de fazer a comida. Eu nunca fiz comida sozinha. Sempre foi com a participação de nós quatro e a gente passou muito anos almoçando juntos. A gente sempre fez comida em casa e todos ajudando, um ia fazendo a salada, outro ia colocando a mesa, outro fazendo a comida, entendeu? Então, sempre foi assim, com muita cooperação na casa. Eu também não falo: 'ah, meu esposo e meus filhos me ajudam'. Porque se eu disser que eles me ajudam, eu estou dizendo que o trabalho é meu, não é verdade? Eles não estão me ajudando, o trabalho é nosso! Eu até disse isso, acho, mas muito tempo atrás. Quando eu tomei consciência da coisa (risos), eu passei a dizer diferente. Então para ver como a linguagem vai contribuindo na construção de novos modos de pensar, sentir e agir. Isso também na nossa casa apareceu. Então, eles não me ajudavam, nós todos cooperávamos entre nós. Eu não era a dona da casa. Empregada doméstica, eu só tive quando meus filhos eram muito pequeninos e eu trabalhava um turno só e aí precisava de alguém para estar em casa. O não ter mais uma pessoa contratada foi em razão de evitar que alguém fizesse o serviço por eles, que fosse uma mulher que viesse e fosse empregada e fizesse o serviço. 'Não, a casa é nossa, nós sujamos, nós temos que limpar'. Então até hoje é assim. Eles moram em Porto Alegre e eu moro aqui e, eles não têm empregada, até hoje. Eles dão conta de lavar, passar e limpar a casa. Tenho uma filha de 22 anos e um filho de 25 anos e eles moram juntos num apartamento, porque eu e meu esposo saímos de lá para trabalhar aqui. [...] Quando eu chegava em casa do trabalho, meu filho perguntava se a gente queria comer alguma coisa especial, porque ele não tinha lanchado e, ele queria fazer. Ele não ia dizer assim: 'mãe, prepare uma coisa pra mim!'. Ele mesmo ia e fazia. Às vezes eu perguntava se ele queria que eu o ajudasse em alguma coisa. Ele dizia não, porque a mãe tem que fazer? Não. [...] Ah, eu saí duas vezes de casa, no período dos estudos. No meu mestrado e no meu doutorado eu passei uma temporada fora, eu fui para Noruega. Na primeira vez que saí, eu fiquei quase 4 meses na Noruega, foi em 2000, quando meus filhos eram menores. Minha mãe e meu pai vieram e ficaram na minha casa para dar uma mão. Já em 2005, não mais, porque eles já eram mais velhos. Fiquei 03 meses fora, foi tranquilo, e não teve essa coisa 'ah, a mãe fora de casa'. [...] Meu marido, tendo uma esposa feminista, ele ganha com isso, só que também ele perde outras mordomias, né (risos). Eu passo a roupa dele, porque ele não gosta de passar, mas ele não tem problema nenhum de fazer comida ou limpar o banheiro. A

gente coopera bem um com o outro, não tem essa coisa assim: isso é serviço de homem ou isso é serviço de mulher ou você que cuida da casa, não [...]. Para conciliar, (risos) tem que existir a cooperação de todos. Não é por ser mulher que ela vai deixar de fazer outras coisas fora, porque teria obrigações já dadas. Não, a gente não tem obrigações já dadas e a gente procura ajudar os membros da família para que todos possam fazer aquilo que eles sonham em fazer. Então, a gente procura cooperar um com o outro, uns com os outros. (*Raquel*, 49 anos).

Raquel estabelece uma espécie de memória reflexiva sobre a sua conduta e se considera feminista também nas ações que realiza no cotidiano de vida. Assim, sua narrativa revela como a consciência feminista possibilita criar uma nova cultura no ambiente familiar que, nesse caso, trata-se da “cultura da cooperação”, ou nos termos de Hirata e Kergoat (2007), do paradigma da parceria, que presume a igualdade entre os sexos, em que homens e mulheres se fazem parceiros para conciliar as atividades domésticas e profissionais. Esse paradigma permite ir além do estabelecimento de uma rede de solidariedade e de colaboração de marido, filhos e mães que, de certa forma, mantém a cultura da divisão sexual de tarefas no espaço doméstico.

A narrativa de *Raquel* sinaliza que o modelo da “cooperação”, nas relações cotidianas, pode ser um instrumento importante para desconstruir e ressignificar os papéis sexuais e construir relações igualitárias de gênero, a partir do próprio ambiente familiar. Não se trata apenas de novas práticas, mas da proposição de novos conceitos reiterativos no universo da linguagem, como uma maneira de construção ou materialização de práticas mais igualitárias, que superem a lógica da divisão sexual de atividades. Consta-se que, tanto a reiteração de novos conceitos, como a sua materialização pela prática do modelo de cooperação, no meio familiar de *Raquel*, se reproduz nas práticas dos seus filhos, os quais se constituem gestores de novas práticas culturais em termos de gênero. Isso corrobora com o pensamento de Lauretis (1994), de que a linguagem e as novas práticas são importantes *tecnologias de gênero* que modificam mentalidades e, conseqüentemente, a própria cultura. Ou, no sentido de Butler (2007), pode-se dizer que a citação contínua de um novo conceito, nesse caso o da “cooperação”, acaba performatizando as ações que ele nomeia, gerando a possibilidade de novos efeitos ou de novas relações de gênero, nas práticas do cotidiano familiar.

Finalmente, as narrativas das professoras casadas sobre as estratégias utilizadas para conciliar o cotidiano da vida familiar com a profissão da docência, apresentam especificidades que estão vinculadas as próprias experiências, descobertas e relações que essas mulheres estabelecem com os membros da família. Com exceção de *Raquel*, que apresenta uma prática que favorece a construção de relações igualitárias no ambiente familiar, as outras docentes compartilham de estratégias como: o estabelecimento de redes de colaboração com mulheres, que são suas mães e irmãs ou com seus esposos;

a relativização ou mesmo a negociação de certas atividades domésticas e a delegação desse serviço para pessoas contratadas. Essas estratégias de conciliação não parecem mudar a estrutura da divisão sexual do trabalho, uma vez que a sobrecarga de atividades recai sobre as mulheres, sobretudo, quando elas inconscientemente reproduzem as relações sociais de sexo/gênero. Essa sobreposição de responsabilidades as coloca em um nível desigual no campo profissional, em relação aos seus pares homens, como foi sinalizado em algumas narrativas. Isso porque a estrutura do ensino superior apresenta as mesmas exigências de produção acadêmica para ambos os sexos, sem levar em conta as dinâmicas desiguais que se operam no cotidiano de quem é mulher ou homem.

Além disso, considerando que o universo do saber teológico é atravessado por uma estrutura androcêntrica, as exigências que se impõem para as mulheres são maiores, porque a todo o tempo elas precisam de um empenho dobrado para se legitimarem e se constituírem sujeitos femininos de saber teológico, em um campo considerado historicamente como masculino¹⁵, e ainda ser boa esposa, mãe e cumprir com certos “deveres” considerados culturalmente como seus.

4 À GUIA DE CONCLUSÃO

Para fins de conclusão, consideramos importante apontar alguns aspectos que são relevantes no conjunto da reflexão deste artigo ou que permitem contribuir com o rol das pesquisas que buscam mostrar como as relações de gênero tem se manifestado na esfera do trabalho, das profissões e nas relações cotidianas entre mulheres e homens, sobretudo quando está em questão a divisão das responsabilidades no âmbito familiar.

No que se refere às relações entre a esfera doméstica e a profissional, o estudo aponta que o modelo de conciliação entre a carreira acadêmica e as responsabilidades familiares é o que perpassa praticamente todas as experiências das interlocutoras da pesquisa. Existe certa similaridade nas experiências das docentes na maneira como elas criam estratégias para conciliar o cotidiano da casa com a profissão. Apesar da similaridade nas ocupações e nos processos de gerenciamento do tempo, levando em consideração seus contextos e posições identitárias, as docentes criam estratégias distintas para conciliar o cotidiano de suas vidas, no âmbito familiar ou institucional, com a carreira da docência, a qual representa para elas um projeto de construção de si e, também, a possibilidade de contribuir em um campo de saber que ainda é reduto masculino.

Nas experiências narradas por quase todas as docentes, nota-se que elas têm internalizado a cultura que atribui às mulheres a tarefa de conciliar a família com a profissão. Assim, em suas práticas, elas reproduzem convenções sociais de gênero,

¹⁵ Isso foi evidenciado em um estudo de tese. Detalhes sobre essa questão, consultar Furlin (2014).

na medida em que se consideram as principais responsáveis pelas funções familiares. Diante de tal realidade, constata-se que há uma inserção desigual no campo profissional do ensino em teologia, já que os homens aparecem mais liberados para as atividades acadêmicas enquanto elas precisam dividir seu tempo entre o cotidiano da “casa” e da profissão. Desse modo, o fato de essas docentes “jogarem” em um campo majoritariamente masculino, com forças desiguais, revela o quanto elas se esforçam e se dedicam e, mesmo sobrecarregadas com diferentes atividades, ainda conseguem ser boas profissionais, manter certo nível de produção acadêmica e ocupar lugares de lideranças com eficiência, como foi demonstrado em um estudo de tese (FURLIN, 2014). Porém, em condições desiguais de inserção, elas jamais podem chegar ao mesmo nível dos professores homens em termos de produção científica, isso porque as condições de gênero são desiguais para o mundo das mulheres, sejam elas casadas ou membro de uma congregação religiosa.

Na experiência das docentes, o modelo de conciliação é assumido como um dispositivo de poder ou uma estratégia política que lhes permite se dedicar à profissão que gostam e para garantir o apoio de seus companheiros. Tal postura não ajuda a mudar a estrutura da divisão sexual do trabalho, que associa as atividades domésticas ao universo do feminino. Acaba, sim, fazendo com que as mulheres reproduzam as convenções de gênero que privilegia e libera os homens de sua participação das atividades domésticas.

O estudo aponta que essa sobreposição de responsabilidades que recaem sobre a vida das mulheres as coloca em um nível desigual no campo profissional, em relação aos seus pares homens, como já foi sinalizado. Isso porque a estrutura do ensino superior apresenta as mesmas exigências de produção acadêmica para ambos os sexos, sem levar em conta as dinâmicas de gênero que se operam no cotidiano de quem é mulher ou homem.

Vale destacar que este estudo foi realizado com professoras que utilizam categorias feministas e conceitos dos estudos de gênero em suas produções acadêmicas, ou que tiveram algum contato com esses conteúdos no período de formação acadêmica. Isso pressupõe que são mulheres que tem algum grau de consciência sobre as desigualdades de gênero que se reproduzem em diferentes cenários sociais, inclusive no âmbito familiar. Contudo, impressiona como a maioria das docentes continua atribuindo a si a tarefa de conciliar o trabalho doméstico. Os seus pares aparecem como aqueles que as apoiam na profissão acadêmica e colaboram quando for necessário, ou em situações específicas. Isso nos faz perguntar, como bem pontuaram Hirata e Kergoat (2007), por que elas continuam atribuindo a si a responsabilidade maior com

a atividades domésticas? De certo modo, isso teria a ver com uma construção social dos papéis sexuais que se naturalizaram a tal ponto que romper com isso se torna um desafio cotidiano que merece esforço, consciência e vigilância psicológica? Perguntas que constituem em problemas de pesquisas que ainda precisam ser investigados.

Apesar dessas contradições, chama atenção a experiência de uma das docentes, que pode levar a vida profissional com mais leveza porque as atividades domésticas se realizavam sob o modelo da “cooperação”, que era reiterado como discurso e como prática cotidiana. Essa experiência aponta que a consciência feminista é uma ferramenta fundamental para a construção de relações igualitárias gênero no ambiente familiar. Desse modo, a produção de novos conceitos ou conteúdos simbólicos, que fecundam novas práticas sociais, parece ser uma luz que se levanta, ou uma importante estratégia política que possibilita a construção de relações mais igualitárias, capazes de superar a lógica da divisão sexual, que historicamente associou o trabalho doméstico ao universo feminino, como se fosse algo que vem colado à sua natureza biológica.

Faz-se necessário continuar criando outras categorias linguísticas capazes de gerar efeitos ou de materializar novas relações de gênero nas práticas do cotidiano familiar. Nesse sentido, corroboro com Lauretis de que os discursos se constituem importantes tecnologias de gênero, que tanto podem reproduzir como construir ou modificar as mentalidades e, conseqüentemente, a própria cultura.

A construção de relações igualitárias de gênero permanece como um desafio que merece investimento tanto em termos de reflexão como em iniciativas concretas, sobretudo quando ainda persiste um imaginário cultural pautado no princípio da separação sexual das atividades domésticas, em que as mulheres, inclusive as que se denominam feministas, continuam se incumbindo da maior parte dos trabalhos no ambiente familiar, seja delegando ou conciliando com as atividades profissionais. Desconstruir a associação do feminino com o espaço doméstico é um processo lento e nada fácil, pois implica em desmontar pressupostos morais, crenças e valores estabelecidos sobre as diferenças entre homens e mulheres. Requer não somente, questionar as representações de gênero tradicionais, onde as diferenças socialmente construídas continuam sendo vistas como naturais, mas também se utilizar da imaginação criativa e da linguagem para produzir um novo simbólico que permita construir novas relações de gênero. Enquanto isso, o nosso papel, como pesquisadores/as, não é só mostrar as continuidades, mas também apontar luzes para a construção de novas práticas, que promovam relações igualitárias entre homens e mulheres, no espaço familiar e profissional.

REFERÊNCIAS

- BRAIDOTTI, Rosi. *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómade*. Barcelona, España: Editorial Gedisa, 2004.
- BRUSCHINI, Cristina. *Trabalho feminino no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação?* São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1998. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lasa98/Bruschini.pdf>>. Acesso em: 08 jun. 2017.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p.151-172.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o cuidado de si*. 9. ed. São Paulo: Graal, 2007.
- FURLIN, Neiva. *Relações de gênero, subjetividades e docência feminina: um estudo a partir do universo do ensino superior em teologia católica*. 2014. 386 p. Tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná.
- FURLIN, Neiva. Teologia e gênero: a docência feminina em instituições católicas. *Revista Eclesiástica Brasileira*, n. 284, p.880-910, out. 2011.
- GADAMER, Hans-Georg . *Verdade e método*. Petrópolis:Vozes, 1999.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.
- HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho: um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.
- LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLANDA, Eloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 206-242.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza de. Hermenêutica-Dialética como caminho do pensamento social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza de; DESLANDES, Suely FERREIRA (Org). *Caminhos do pensamento epistemologia e método*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2003. p. 83-107.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Indicadores sobre a educação superior no país: Cadastro nacional de docentes 2005. *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP / Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior - SINAES*. Disponível em: <<http://sinaes.inep.gov.br/sinaes/>>. Acesso em: 10 out. 2008.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Sinopses Estatísticas da Educação Superior (2010, 2011). *Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira*. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/superior-censosuperior-sinopse>>. Acesso em: 16 out. 2013.
- RAGO, Margareth. Descobrir historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas-SP, n.11, p. 89-98, 1998.
- SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre: UFRGS, v.16. n.2, p.5-22, jul/dez.1990.
- WEBER, Max. Sobre algumas categorias da sociologia compreensiva. In: Weber, M. In: *Metodologia das ciências sociais*. São Paulo: Cortez Unicamp, 1992, parte II.
- YOUNG, Iris Marion. *Throwing like a girl and other essays in feminist philosophy and social theory*. Bloomington-Indianápolis: Indiana University Press, 1990.

SOBRE OS ORGANIZADORES

SILVIA INÉS DEL VALLE NAVARRO: Profesora y Licenciada en Física, Doctora en Ciencias Física. Directora del Departamento de Física de la Facultad de Ciencias Exactas y Naturales de la Universidad Nacional de Catamarca, Argentina. Editora de la Revista Electrónica “Aportes Científicos en PHYMATH” – Facultad de Ciencias Exacta y Naturales. Profesora Titular Concursada, a cargo de las asignaturas Métodos Matemáticos perteneciente a las carreras de Física, y Física Biológica perteneciente a las carreras de Ciencias Biológicas. Docente Investigadora en Física Aplicada, Biofísica, Socioepistemología y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área multidisciplinaria relacionado a fenómenos físicos-biológicos cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas. Participación en disímiles eventos científicos donde se presentan los resultados de las investigaciones. Autora del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial Académica Española. Coautora del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Organizadora de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, VI) (2021). Miembro de la Comisión Directiva de la Asociación de Profesores de Física de la Argentina (A.P.F.A.) y Secretaria Provincial de dicha Asociación.

GUSTAVO ADOLFO JUAREZ: Profesor y Licenciado en Matemática, Candidato a Doctor en Ciencias Humanas. Profesor Titular Concursado, desempeñándose en las asignaturas Matemática Aplicada y Modelos Matemáticos perteneciente a las carreras de Matemática. Docente Investigador en Matemática Aplicada, Biomatemática, Modelado Matemático, Etnomatemática y Educación, dirigiendo Proyectos de Investigación de la Secretaría de Ciencia y Tecnología de la Universidad Nacional de Catamarca con publicaciones científicas dentro del área Multidisciplinaria relacionado a Educación Matemática desde la Socioepistemología cuyos resultados son analizados a través del desarrollo de Modelos Matemáticos con sus simulaciones dentro de la Dinámica de Sistemas y de la Matemática Discreta. Autor del libro “Ecuaciones en Diferencias con aplicaciones a Modelos en Dinámica de Sistemas” (2005), Catamarca-Argentina: Editorial Sarquís. Coautor del libro “Agrotóxicos y Aprendizaje: Análisis de los resultados del proceso de aprendizaje mediante un modelo matemático” (2012), España: Editorial

Académica Española. Desarrollo de Software libre de Ecuaciones en Diferencias, que permite analizar y validar los distintos Modelos Matemáticos referentes a problemas planteados de índole multidisciplinarios. Organizador de Ciências Humanas: Estudos para uma Visão Holística da Sociedade (Volumenes I, II, III, IV) (2021). Ex Secretario Provincial de la Unión Matemática Argentina (U.M.A) y se participa en diversos eventos científicos exponiendo los resultados obtenidos en las investigaciones.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas Nativas Sem Ferrão 313, 323
Aesthetics 82, 88, 92
Antropoceno 313, 314, 315, 316, 317, 318, 327, 329, 331, 332
Arqueología y antropología social 18
Arte mexicano 115
Aspirantes 170, 172, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182
Atlas 82, 84, 89, 92, 93, 248
Atmosphere 81, 82, 84, 88, 90, 91
Aula Inclusiva 37
Autodidactismo 107
Auto-eco-compatibilização 128, 130, 139, 141
Autonomia da criança 71, 76, 78
Ayahuasca 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160

C

Canudos 236, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248
Casinos 285, 286, 287, 288, 291, 292, 293, 295, 296, 297, 298, 299, 300
CENEVAL 172, 175, 176, 177, 181, 182
Cidadania 53, 128, 146
Ciência 13, 14, 16, 17, 33, 50, 76, 77, 94, 117, 120, 124, 125, 127, 134, 138, 140, 156, 157, 158, 159, 184, 185, 220, 321, 331
Co-enseñanza 37, 41, 45, 46
Competencias 52, 55, 58, 59, 60, 64, 65, 67, 69, 70, 94, 95, 97, 98, 99, 101, 103, 106, 113, 114, 134, 140, 148, 150, 153, 162, 164, 173, 175, 176
Comunidad 8, 10, 33, 34, 35, 41, 67, 69, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 107, 121, 165, 167, 170, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284
Condiciones laborales 1, 2, 5
Conjugalidade 216, 219
Constituição Brasileira 48, 309
Construtivismo crítico 142, 143, 144, 148, 150, 152
Convivencia 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 161, 276, 278, 313, 314, 323

D

Deficiências acadêmicas 172, 176, 182
Democratização da Educação 48
Design 60, 70, 81, 82, 83, 85, 92, 94, 128, 129, 130, 131, 134, 136, 138, 151, 187
Desigualdades de gênero 197, 213
Devoção 249, 251, 253, 254, 255, 256, 260, 262, 264, 270
Diário 42, 126, 140, 237, 248, 275, 276, 279, 282, 283, 284, 287, 300
Divisão sexual do trabalho 197, 200, 201, 203, 205, 212, 213, 215
Docência superior 197, 198, 202
Docente de educación indígena 1

E

Educação 13, 17, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 128, 129, 131, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 197, 198, 210, 215, 228, 235, 303, 313, 314, 316, 317, 318, 319, 324, 325, 326, 328, 329, 330
Educação a Distância 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59
Educação estética visual para todos 128
Educação para a saúde 142, 146, 147, 148, 150
Emotions 81, 82, 84, 86, 88, 92
Ensino na educação infantil 71
Espacio biográfico 1, 11
Estudios culturales 115
Estudios Novohispanos 115
Estudos multiespécies 313, 316, 317, 319, 324, 328, 329, 330
Ética ambiental 301, 310
Exhibition spaces 81, 82, 92
Experiência 4, 7, 8, 10, 30, 36, 45, 46, 52, 58, 64, 72, 74, 75, 79, 94, 106, 112, 142, 143, 149, 151, 200, 203, 204, 206, 207, 209, 213, 214, 229, 238, 242, 287, 313, 316, 317, 318, 325, 326, 330
Exploratório de educação artística 128, 132

F

Feminismo 116, 124, 200, 215, 228, 229, 231, 232, 233, 234, 235
Feminismo negro 228, 231, 233
Flexible 45, 161, 162, 165, 166, 167, 170

Formação pedagógica 71

Formación 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 46, 47, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 113, 125, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 185, 280

Formación docente inicial 31

Formal media 184

G

Gênero 11, 15, 16, 64, 123, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 223, 224, 228, 229, 230, 231, 232, 234, 235, 285, 295

Grupo focal 1, 2, 3, 4, 6

H

Historia 5, 6, 8, 18, 20, 21, 22, 25, 61, 115, 122, 123, 125, 126, 161, 279, 284

História 5, 52, 58, 74, 75, 134, 136, 140, 141, 197, 198, 200, 204, 215, 217, 218, 219, 223, 226, 227, 228, 229, 232, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 246, 247, 248, 273, 274, 315, 318, 325, 330

Historia de la música 115

I

Imagem 136, 138, 139, 220, 224, 249, 257, 262, 263, 264, 265, 266, 268

Imaginário criativo 128

Indígena 1, 3, 4, 7, 9, 10, 11, 13, 14, 16, 154, 231

Ingeniería 24, 32, 47, 105, 172, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182

Innovación 60, 61, 62, 63, 65, 69, 70, 107, 126, 162, 165

Inovação pedagógica 142, 143, 144, 145, 146, 151

Integral 29, 51, 52, 94, 95, 97, 104, 128, 129, 141, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 186, 208, 209, 210, 230, 239, 300

J

Justiça ambiental 301

L

Liturgia 249

M

Matemática educativa 31, 33, 36

Memory of places 81, 82, 84, 90
Modelización matemática 30, 31, 33, 35, 36
Modelo educativo 161, 165, 166, 167, 169, 170, 171

N

Noticias 275, 279, 281, 282, 283

P

Papéis de género 208, 209, 216, 223
Património cultural artístico 128, 134, 136
Paz 26, 27, 80, 94, 96, 97, 106, 115, 116, 122, 123, 124, 125, 127, 238
Personagens femininas 216
Perturbações psicossociais 216
Planeación prospectiva 107, 112, 114
Plantas professoras 154
Pós-colonialidade 13
Post-Conflicto 94
Promoção da saúde 142, 146, 147, 148, 151, 152
Promoción y publicidad 285, 286, 287, 288, 292
Prospectiva 60, 61, 62, 107, 112, 114

R

Raça 218, 221, 228, 232, 235, 310, 311
Recorrido de Estudio e Investigación 37, 38, 47
Reforma 9, 161, 164, 241, 285, 286, 298, 304
Reimaginación 60
Revista 12, 17, 36, 46, 47, 58, 59, 114, 127, 151, 152, 159, 197, 200, 215, 235, 236, 274, 275, 282, 291, 299, 300, 330, 331, 332

S

Saberes outros 154, 159
Science/scientist 184
Simulação em enfermagem 142
Social representations 184, 185, 186, 191, 192, 193, 195, 196
Sociedad 9, 22, 33, 36, 39, 47, 94, 96, 97, 103, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 118, 124, 125, 127, 161, 162, 172, 275, 276, 277, 279, 281, 282, 285, 288, 298, 299

Sociedad del conocimiento 107, 114
Socioepistemología 30, 31, 32, 33, 34, 35
Sociologia 12, 17, 33, 197, 215, 223, 236, 237, 248, 275, 284, 299
Sor Juana Inés de la Cruz 115, 121, 125, 126, 127
Sustentabilidade 59, 301, 303, 305, 307, 310, 311, 312

T

TecNM 172
Tecnologia 40, 48, 52, 53, 56, 62, 64, 65, 66, 94, 103, 109, 215, 292, 306, 309, 331
Teoría Antropológica de lo Didáctico 37, 38, 40, 46, 47
Teoria de Estado 236, 246
Transformação Social 48
Transformación 5, 60, 61, 62, 64, 99, 110, 161, 163, 165, 169

U

University students 184, 195, 196

V

Via Crucis 249, 251, 252, 253, 254, 255, 257, 264, 269, 270, 273
Violência 95, 97, 98, 157, 228, 229, 230, 231, 233, 234, 235, 285
Virreinato 115